

VILLARREAL, José Javier.
Antología. La poesía del siglo XX
 en Brasil. Monterrey: UANL. 2012.
 Colección Visor de Poesía.

Tieko Yamaguchi Miyazaki
 (UNEMAT)¹

Antologia bilíngue de poemas de 24 poetas brasileiros do século XX. Precedendo os poemas de cada poeta, uma apreciação sintética de sua obra; e, no final, sob o título “Los poetas”, informações bibliográficas de cada um deles.

O primeiro é Manuel Bandeira, seguido Oswald de Andrade, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Murilo Mendes. Estão lá Cecília Meireles, Drummond de Andrade, Mário Quintana, Vinícius de Moraes; Manoel de Barros, João Cabral de Melo, Ledo Ivo, José Paulo Paes, Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, Adélia Prado; Roberto Piva, Francisco Alvim, Armando Freitas Filho, Paulo Leminsk, Antônio Cícero, Ana Cristina César, Carlito Azevedo e

¹ Professora de Literatura, aposentada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto; docente do Mestrado em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), câmpus de Tangará da Serra. Rod. MT -358, km 07. 78.300.000. Tangará da Serra, Mato Grosso. tymiyazaki@gmail.com

Cláudia Roquette-Pinto. Em ordem cronológica de nascimento, entrando nos primeiros anos da década de 60.

Uma edição generosa, reservando a cada poema a sua página. Visualmente agradável, como que preservando a cada poema a sua individualidade, a sua privacidade, o que redundava na facilidade de leitura da tradução, e o seu cotejo com o original, na página à esquerda.

A seleção dos poemas deve ter recaído naqueles pelos quais os poetas são ou passaram a ser normalmente reconhecidos, principalmente os das gerações da primeira metade do século XX. Tanto que o livro é aberto pelo poema “Cacto”, de Bandeira, e de Mário de Andrade se escolheu “Meditação sobre o Tietê”, um fragmento, e, de Drummond, o primeiro é “Poema de sete faces”. De dimensões diferentes, de haicai às três páginas e meia de “Mapa”, de Murilo Mendes; ou às quatro de “Os malditos”, de Vinícius de Moraes. A Cabral dedica oito páginas unicamente a “Cão sem pluma” (I- Paisagem de Capibaribe, IV Discurso de Capibaribe). Com certeza, com essas opções, a antologia confirma que é mesmo destinada a leitores em língua espanhola, senão iniciantes em lírica brasileira, pelo de pouco conhecimento dela.

Na apresentação – sintética, tarefa não muito fácil pois se trata de abarcar em poucas linhas a produção de toda uma vida - de cada poeta, há algumas afirmações que seria interessante destacar, porque elas dão o perfil dominante também nas demais. De Bandeira, diz (VILLARREAL, 2012, p.25): [...] “ *ilumina el paso del hombre a través de una sobriedad que se extasia en justas dosis de imaginaria y sentimentalidad. Su haz de luz no transforma, presenta la realidad en una exactitud que la subraya por el destello de la revelación.*[...] *La música y la respiración, el ritmo [...] son puntos cardinales [...]*” E de Jorge de Lima (id.ibid., p.69): “ *Una vía purgativa que no separa el dolor del éxtasis, el horror de la belleza, en una comunión que exige ser expresada a través de una lúcida y cuidada imaginaria que lo acerca al tono del profeta.*” Edição bilingue em que o original se coloca lado a lado com a sua tradução,

propiciando o cotejo, até involuntário, e ainda mais em se tratando de duas línguas tão próximas, traz alguns aspectos interessantes e peculiares. Se, de um lado, essa proximidade cria a impressão de que a orientação dominante é a da tradução literal, possibilitada ou mesmo imposta pela coincidência inclusive no plano do significante, por outro lado, o leitor é surpreendido muitas vezes quando essa expectativa não se realiza, pela observação da feição da língua de chegada, em que expressões da língua de partida, marcadas por algum traço estilístico de alguma ordem – normas linguísticas, regionais, sociais etc – induzem à pergunta sobre o acerto ou desacerto da escolha; o uso popular de variantes de pronominais, torneios de feição regional são outros pontos em que recai a inquirição. A mesma questão se coloca com relação à decisão de preservar ou não as escolhas métricas do original, introduzindo versos onde não os há ou vice-versa. Oportuno lembrar o peso atribuído pelo autor, declarado em vários outros contextos, à camada expressiva dos elementos essencialmente poemáticos, como a versificação com seu ritmo, seus acentos e pausas. Isso porque, segundo ele, o poema luta pela oralidade originária, protelada, mas de certa forma recuperada na sua leitura em voz alta, para que a realidade re-vivida, lembrada, convocada pela memória lírica, através de sensações dos diferentes sentidos, faça valer a sua natureza corpórea, aquilo que, pertencente ao corpo, só através dele pode expressar-se legitimamente. A evidência maior disso está no fato de que o ritmo, a cadência do poema se impõem ao ritmo da respiração de quem lê.

De qualquer forma, é sempre interessante que, embora se trate de tradução, ou seja, que o texto resultante seja de relativa autonomia, ele seja lido como se o fora, para avaliar o resultado em seu conjunto, em sua organicidade própria.

No caso da *Antología* de José Javier Villarreal - nascido em Tijuana, docente e pesquisador na Universidade Autónoma de Nuevo León, da cidade de Monterrey, México, poeta várias vezes premiado

em seu país - poder-se-ia perguntar se o seu trabalho de tradutor pode ser iluminado pelo que expõe ao longo das oito páginas que abrem o livro. Numa sequência de três páginas ele elenca situações, circunstâncias de nosso cotidiano em que a matéria poética se origina. O denominador estrutural delas talvez se possa definir como uma dinâmica de relações de contrariedade, de contradição, equivalências, dentro de um tempo, um instante, em que a cronologia se subverte, se embaralha, se perde. Experiências, vivências – lábeis, mutáveis, de fronteiras nebulosas - que se transmutam em imagens e, como tais, em ausências, preparando a epifania, fermento do surgimento do poema. Como em outros momentos em que focaliza esse desprendimento do real para dar lugar à ausência-imagem, o autor fala em solidão do poeta, traduzida nesta antologia pelo termo **melancolia**; poder-se-ia traduzir esse estado de solidão/melancolia, imprescindível para que o poema ecloda, talvez como um tipo – atenuado, cotidiano - de descida aos infernos. Embora em outra ocasião lembre o argentino Jorge Luís Borges, que, segundo Villarreal, chegou a dizer que não passava um dia em que não estivéssemos, pelo menos um instante, no paraíso. Este paraíso, produto do milagre cotidiano, que dá temperatura e cor à realidade, detém-na, torna-a visível, outorga-lhe uma expressão: a poetiza.

A especificidade desse texto, da realidade resultante do nomear o não nomeado, e da forma de sua recepção, o autor define convocando as palavras, primeiro, do poeta peruano Cesar Moro, para quem “*el poema es una carta que alguien espera con ansias*” (id.,ibid., p. 18) ; e a seguir, as de outro poeta, o polonês Zagajewski, que define o poema como uma “*conversación en que falta a última palabra*” (id.,ibid.p.18) “*El que escribe [finaliza Villarreal] espera y el que espera escribe, pero no se tocan, se funden en una comunicación cifrada por el encuentro del poema y su lector, en una transubstanciación gracias a esa misteriosa y última palabra que no se dijo, pero se espera.*” (id.,ibid., p.19)